

## O raciocínio etnográfico

Stephane Beaud  
Florence Weber

Nos últimos quinze anos, na sociologia francesa, a pesquisa e a análise etnográficas impuseram-se como um método legítimo de coleta e de tratamento de dados empíricos. No entanto, urge reconhecer que as reflexões metodológicas em torno desta forma de pesquisa, quer estas assumam a forma de artigos ou de manuais, até hoje privilegiaram largamente a dimensão da "situação etnográfica", da "experiência etnográfica" (leia-se "provas etnográficas"), colocando em cena e em debate a relação pesquisador(a)/pesquisado(a), que é o fundamento da pesquisa etnográfica<sup>1</sup>. No fundo, existem poucos textos em língua francesa relativos ao tratamento de dados etnográficos, com pesquisas concluídas, e ainda menos os relativos ao raciocínio etnográfico, salvo o texto fundador de Olivier Schwartz<sup>2</sup>. Este capítulo não tem a pretensão de preencher esta lacuna, mas, mais modestamente ele buscará esboçar uma clarificação dos termos que acompanham o debate, insistindo nas formas diferentes de abordar a questão em antropologia e em sociologia.

Num primeiro momento, insistiremos nas ambiguidades, nos mal-entendidos e em outras incompreensões resultando da "exportação", particularmente rápida e importante na França, deste método de pesquisa – historicamente ligado à etnologia – para uma disciplina como a sociologia que, na tradição francesa ao menos, se havia reservado a estatística como emblema metodológico. Num segundo momento, mostraremos o raciocínio etnográfico em sua força original, que lhe advém da tradição antropológica, e que mistura duas especificidades: de um lado, o contato direto, sem a mediação de um protocolo ou de um labo-

1. MAUGER, G. *Les bandes, le milieu et la bohème populaire* – Études de sociologie de la déviance des jeunes des classes populaires (1975-2005). Paris: Belin, 2006. • BENSA, A. & FASSIN, D. (orgs.). *Politiques de l'enquête* – Épreuves ethnographiques. Paris: La Découverte, 2008 [“Recherches”].

2. SCHWARTZ, O. “Empirisme irréductible”. Paris: Nathan, 1993 [Postácio de Nels Anderson].

o livro a análise estatística

ratório<sup>1</sup>, entre pesquisador e pesquisados; de outro, o estudo de caso, onde a análise aprofundada das condições de possibilidade do caso estudado substitui ao mesmo tempo a análise probabilista, preocupada em evitar as ambigüidades de seleção, e a análise estatística descritiva (que por comodidade poderíamos denominar epidemiológica), preocupada com a representatividade e a prevalência. Num terceiro momento, mostraremos que, se o raciocínio etnográfico desenvolve-se legitimamente no âmbito de sua disciplina matricial (a etnologia), o mesmo não ocorre em sua disciplina de exportação (a sociologia). Lá, concorrendo com outros modos de raciocínio, mais próximos às ciências auto-denominadas "consistentes", ele já não pode mais ostentar a tranquilidade do modelo hipotético-dedutivo, ou o modo de raciocínio probabilista. De fato, ele corre o risco eterno de parecer um raciocínio "impuro", à revelia (sem dem inculcar abertamente, em alguns (seletíssimos) intercâmbios intelectuais, os defensores de uma linguagem pura das variáveis e de um raciocínio generalizado "em igualdade de circunstâncias" que, hoje, mais do que nunca, se quer hegemônico no campo das ciências sociais.

A pesquisa etnográfica: da etnologia à sociologia...

Projetemos um pouco de luz nesta expressão que recobre hoje, na sociologia francesa contemporânea, uma nebulosa de pesquisas com estatutos assaz diferentes, servindo-nos assim deste instrumento precioso que constitui a história social das ciências sociais, seja da história da sociologia (francesa e americana), lembrando que a pesquisa etnográfica sorve sua fonte e legitimidade da etnologia (*Pacifique Occidental*, 1922) (Os argonautas do Pacífico Ocidental), que posteriormente convencionou-se denominar "revolução malinowskiana", como uma imersão de longa duração (de um a três anos, de maneira contínua ou descontínua) num determinado ambiente, permitindo um contato direto e prolongado com o etnólogo, notadamente para a aprendizagem da língua local falada, junto a um local social pesquisado ("autócone"), sem a mediação perturbadora dos administradores coloniais e/ou de alguns informantes privilegiados. Desde então, e atrasadamente para o caso da etnologia francesa<sup>4</sup>, a etnografia (ou o *fieldwork*, segundo a expressão inglesa) passou a ser o fundamento da disciplina ou, para falar como Passeron, seu "emblema metodológico". Desta forma a pesquisa de campo faz o antropólogo assim como a escavação faz o arqueólogo, de forma

3. DEVEREUX, G. *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion, 1960.

4. DEBAENE, V. "Preface". In: LÉVI-STRAUSS, C. *Oeuvres*. Paris: Gallimard, 2008, p. IX-XLIII ["La Pléiade"].

que o aprendizado antropológico deve, por ocasião de sua formação e notadamente ao longo de seu doutorado, criar um "verdadero campo", para responder às expectativas acadêmicas de seu futuro ambiente profissional. Este, hoje, é um preceito invariável desta disciplina.

A diferença, no plano metodológico, é grande com a sociologia, que no mesmo período se constituiu como disciplina sobre outras bases: na França, sob a égide de Durkheim, a partir da pesquisa estatística e de um livro-modelo (*Le suicide*, 1897), paralelamente a uma pesquisa histórica em parte desenvolvida aos etnógrafos especialistas das formas elementares; na Alemanha, com a escola histórica e Weber, sobre o modelo das pesquisas comparadas de sociologia histórica. Nos Estados Unidos a sociologia teve, em seus inícios (1890-1930), uma história metodológica mais indecisa. Ela nasceu na Universidade de Chicago que, de um lado, tinha como particularidade poder dispor em suas fileiras de sociólogos inscritos teoricamente numa tradição simmeliana, animados por uma propensão à pesquisa direta e por um jornalismo de investigação nesta cidade em efervescência, que era Chicago (Robert Park era um antigo jornalista); e, de outro lado, buscava estabelecer relações estreitas com o departamento vizinho da antropologia, daí os intercâmbios frequentes em termos de método. O que Chapoulié chamou de "tradição sociológica de Chicago" se caracteriza pela adoção em campo não exótico do *fieldwork*, sob uma forma aberta e variada (observação participante, entrevistas, histórias de vida, autobiografias, coleta de documentos administrativos, mapas etc.), como um modo de pesquisa privilegiado para os jovens sociólogos da época. Esta forte legitimidade, adquirida então pela pesquisa de campo na sociologia americana, mostrar-se-á limitada no tempo (1920-1940); de fato, ela teve dificuldades de resistir ao estabelecimento de um novo paradigma de pesquisa sociológica desenvolvido primeiramente nos Estados Unidos - o *survey research*, em vínculos estreitos com a ajustagem da técnica das sondagens. Esta, fundada no tratamento estatístico de pesquisas por questionário sobre amostras representativas, vai triunfar após 1945 na disciplina nos Estados Unidos, relegando muito rapidamente o método do *fieldwork* (Becker, Goffman, Freidson etc.), será marginalizado pelo *mainstream* quantitativista da Costa Leste. → trabalho de campo marginalizado

Esta história da sociologia americana teve profundas repercussões sobre a sociologia francesa do pós-guerra. Esta, quando teve que refundar-se após 1945<sup>6</sup>, era muito fraca institucionalmente, tendo, além disso, largamente perdido sua herança durkheimiana. Ela irá, pois, buscar nos Estados Unidos seus novos títulos de nobreza via importação para a França do modelo do *survey*

5. Cf. CHAPOULIE, J.-M. *La tradition sociologique de Chicago 1892-1961*. Paris: Le Seuil, 2001.

6. CHAPOULIE, J.-M. "La seconde fondation de la sociologie française, les États-Unis et la classe ouvrière". *Revue Française de Sociologie*, vol. 32, 1991, p. 321-365.

recorreu, enviando inclusive para os Estados Unidos um bom número de jovens sociólogos aprendizes (Crozier, Mendras, Touraine, Boudon etc.). Esta fascinação do modelo americano sobre estes jovens pesquisadores franceses, tanto que muitos deles são desprovidos de formação empírica no ofício de sociólogo, se traduziu então por uma relativa rejeição à pesquisa direta e por uma supremacia incontestável do raciocínio probabilista sobre a análise monográfica. A pesquisa de Chaputle trouxe à luz a maneira com a qual os ratos sociólogos que realizavam pesquisa de campo, notadamente mulheres (Jacqueline Frisch-Gauthier, Viviane Isambert-Jamati), se viram desqualificados no plano científico por seus pares, novos adeptos – entusiastas – da pesquisa por questionário. Não se tratava nem mais nem menos que lutas em torno da legitimidade do método de pesquisa em sociologia. Aborda-se aqui a quarta

Confortada pelos grandes modelos ditos "holistas" (em sua vertente quantitativa durkheimiana, estrutural-funcionalista na versão marxista), a pesquisa estatística por longo tempo reinou como mestra na sociologia francesa. Mesmo Pierre Bourdieu, que construiu seu primeiro instrumento científico como etnólogo na Argélia, em meados da década de 1960, por ocasião de seu retorno à França e de sua entrada na sociologia francesa, em seus trabalhos dedicados à sociologia da educação e à cultura, converteu-se quase inteiramente ao método de pesquisa estatístico. À ocasião a maioria de sua equipe (no *Centro de sociologia europeia*) concebeu este método como o principal instrumento de ruptura com o senso comum. Neste contexto de desenvolvimento da sociologia francesa e de multiplicação dos contratos de pesquisa, as entrevistas ou as observações diretas passam a ter um estatuto reduzido e fortemente delimitado na pesquisa: as primeiras ao serviço de uma pesquisa exploratória e de afinamento de um questionário, a segunda como adjuvante demonstrativo de resultados estabelecidos estatisticamente.

Este estatuto menor e dominado da pesquisa etnográfica na sociologia francesa vai se transformar com a ajuda de uma série de três fatores mais ou menos interdependentes: primeiro, a entrada em crise dos grandes paradigmas holísticos, a crítica das estatísticas pela etnometodologia e o novo interesse subsequente pela análise interacionista; segundo, a redescoberta – por sociólogos primeiramente formados no centro de Bourdieu, em seguida tomando distância em relação à sua "teoria" – da "primeira Escola de Chicago" e a grande tradição das monografias urbanas (a série de estudos sobre "Middletown") ou industriais

7. Na obra *Le célibat paysan* (1962), ele faz, de forma impressionante, ao mesmo tempo etnografia e estatísticas: percebe-se, na última parte, uma verdadeira história de prova estatística. Vale lembrar que Marcel Maquet, autor de *Guide d'étude des comportements culturels*, à época – e toda a antropologia – realizam estatísticas, e só fazem etnografia porque a instituição estatística carece nas colônias.

→ sinopse da pesquisa de apatia da ortopedologia  
(como aquela coordenada por Donald Roy); tercio, a adequação deste método de pesquisa, à primeira vista de fácil acesso, ao novo público estudiantil das faculdades de sociologia, mais oriundo de ambientes populares e fortemente alérgico aos "matemáticos", portanto, a tudo aquilo que, de perto ou de longe, se refere às estatísticas. Note-se enfim, e é essencial, que esta renovação do método etnográfico na sociologia francesa evitou o diálogo crítico com a antropologia, tanto que estas duas disciplinas, na França como nos Estados Unidos, tornaram-se estrangeiras uma da outra. Esta compartimentação entre disciplinas – contra a qual tentou lutar, em congressos pedagógicos, uma formação como o antigo DEA de Ciências Sociais Ehes/ENS (confiado por Marc Augé e Marianne Bastid-Bruguère à Jean-Claude Chamboredon, e cuja empresa continua sob o nome de Master em Ciências Sociais, Pesquisas de Campo, Teorias ENS/Ehes) – teve por efeito um fraquíssimo impacto nos debates metodológicos em antropologia contemporânea sobre a abordagem etnográfica em sociologia.

No fundo, hoje podemos nos perguntar, à luz da rápida difusão na sociologia francesa de trabalhos repousando sobre o método da "pesquisa de campo", se a renovação dos estudos etnográficos na sociologia francesa contemporânea (citamos por ordem de publicação as obras de F. Weber, O. Schwartz, S. Beaud & M. Pialoux e alguns livros da coleção "Pesquisas de campo", N. Renahy, A. Christin, N. Jouinir<sup>8</sup>) não se construiu igualmente a partir de fundamentos mal-digeridos, no sentido que tudo se baseava na exploração de amplas amostras estatísticas quase dependentes, *ipso facto*, de um mesmo e vasto domínio, este tão famigerado "depósito" etnográfico. Ou, mais confusamente: todas as análises ou estudos de caso, dentre os quais as biografias individuais, a pesquisa por observação participante, a acumulação de entrevistas, mas igualmente os arquivos orais, cada um destes métodos sendo objeto de críticas hoje esquecidas. Assim, pela construção deste largo conjunto heterodóto, definido negativamente como não pertencendo ao registro da pesquisa estatística, grande é o risco de ver-se dissolver a particularidade – e a força heurística e demonstrativa – da pesquisa etnográfica.

Conceitos autóctones/eruditos: três momentos do raciocínio etnográfico em antropologia social

Existe uma tensão própria à disciplina antropológica em sua relação com a etnografia. De um lado, todo antropólogo considerava a etnografia como a base de sua disciplina, de outro, esta base permanece relativamente pouco questionada

↳ tensão da ortopedologia

8. WEBER, F. *Le travail à côté* – Études d'ethnographie ouvrière. Paris: Ehes/Ansra, 1989. • SCHWARTZ, O. *Le monde privé des ouvriers*. Paris: PUF, 1991. • BEAUD, S. & PIALOUX, M. *Retour sur la condition ouvrière*. Paris: Fayard, 1990. • RENAHY, N. *Les gars du coin*. Paris: La Découverte, 2004. • CHRISTIN, A. *Comparaisons immédiates*. Paris: La Découverte, 2006. • JOUININ, N. *Chantier interdit au public*. Paris: La Découverte, 2007.

nada. De fato, enquanto a escavação arqueológica é uma aventura coletiva que fortemente se padronizou apelando para a quantidade de competências científicas especializadas<sup>9</sup>, a pesquisa etnográfica resta, a maior parte do tempo, uma aventura solitária e, ao que parece, impossível de padronizar. Das duas tentativas contraditórias que se conjugam para deixar na penumbra a diversidade e a complexidade das operações científicas efetuadas pelo etnógrafo: o silêncio sobre a pesquisa, a "heretização" do etnógrafo.

#### Box

#### Etnografia e antropologia social hoje

A etnografia social ocupa um lugar eminentemente paradoxal no ressurgimento da etnografia em escala mundial: às vezes associada à sociologia nas operações editoriais visando a promover a etnografia (como na revista *Ethnography*), às vezes mantendo a sociologia a distância (como nas revistas suíças francófonas *ethnographiques.org* ou *Isanta*, ambas orientadas por uma definição disciplinar da antropologia social), ela está claramente ausente, ou quase, da etnografia francesa contemporânea. O paradoxo se explica ao mesmo tempo pelas variações nacionais das fronteiras entre sociologia e antropologia social e por uma necessidade interna à própria antropologia social.

As fronteiras entre sociologia e antropologia social foram abaladas, planeta afora, pelo questionamento radical, nos últimos vinte anos, da Grande Divisão<sup>10</sup> entre o que depende da antropologia social – culturas primitivas, exóticas ou outras – e o que depende de outras ciências sociais (sociologia, ciência econômica, ciência política) – culturas ocidentais. Criticou-se abundantemente, e às vezes subestimou-se, sobretudo na antropologia americana, o fosso instituído pela antropologia social entre "The West" e "The Rest"<sup>11</sup>. As tradições antropológicas nacionais reagiram diversamente a esta redefinição do território disciplinar, em função de sua história.

Na Índia, a sociologia qualitativa e a antropologia social se fundiram desde a independência, após uma precoce tomada de consciência política dos "impensados" da antropologia colonial<sup>12</sup>. Nos Estados Unidos, as fronteiras disciplinares permanecem vivas, ao menos em termos de reconhecimento recíproco, ao passo que a unidade dos métodos e dos territórios se afirma<sup>13</sup>. Na Inglaterra, a antropologia de Si, que agora se denomina antropologia das culturas ocidentais (*Anthropology of the West*), é ao mesmo tempo viva e recente<sup>14</sup>, mas hoje ela se comunica mais com a filosofia do que com a sociologia. Nas outras tradições antropológicas europeias, inclusive para além da aninga cortina de ferro, o antigo corte entre uma etnologia das culturas populares nacionais, folclore ou *Volkskunde* (ausente em países novos como Estados Unidos e Austrália), em geral instrumentalizada pelos poderes locais, e as etnologias das culturas exóticas, ou *Völkerkunde*, em geral ligadas à expansão colonial ou imperial (atual no império russo, como na Índia ou na China), torna o diálogo com a sociologia – geralmente definida como ciência das sociedades nacionais modernas – menos urgente que a reconstrução de uma antropologia social europeia reunificada. Esta é ao menos

apell. *responsável*  
pela descoberta  
por ser a personagem principal

a posição assumida pela *European Association of Social Anthropologists*, mais ocupada com o diálogo entre antropólogos oriundos de tradições nacionais diferentes do que com o diálogo entre as ciências sociais<sup>15</sup>.

Quanto à antropologia social francesa (não obstante seu dinamismo nos estudos definidos pelas áreas culturais – mundo árabe, estudos mongóis, estudos hinduístas – onde ao mesmo tempo cruza erudição linguística e literária e ciências sociais – ciência econômica, geografia, história, ciência política, embora raramente a sociologia seja contemplada e ainda seja definida como ciência da sociedade francesa contemporânea), ela simplesmente não se conscientizou do fim da Grande Divisão. Ela ainda trata com certo desprezo os antropólogos especialistas das sociedades ocidentais, mesmo que eles tenham exercido um papel importante na redefinição da etnografia<sup>16</sup>. Estes últimos, portanto, tentaram reaproximar-se dos sociólogos, tendo por consequência positiva a emergência de um espaço intelectual comum entre sociologia e antropologia das sociedades ocidentais, e como consequência negativa, a tendência ao fechamento desta nova "socioantropologia" no território nacional.

<sup>9</sup> LENCLUD, G. "Le grand partage ou la tentation ethnologique". In: ALTHABE, G.; FABRE, D. & LENCLUD, G. (orgs.). *Vers une ethnologie du présent*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1992, p. 9-39 [Cahiers d'Ethnologie de la France, 7].

<sup>10</sup> CARRIER, J.-G. "Occidentalism: The world turned upside-down". *American Ethnology*, vol. 19, n. 2, 1992, p. 195-212.

<sup>11</sup> BÉTEILLE, A. "Être anthropologue chez soi: un point de vue indien". *Genèses*, vol. 67, n. 2, 2007, p. 109-130.

<sup>12</sup> BURAWOY, M. "Revisits: Na outline of a theory of reflexive ethnography". *American Sociological Review*, vol. 68, n. 5, 2003, p. 645-679.

<sup>13</sup> Cf. STRATHERN, M. *Kinship at the Core: An Anthropology of Emdon, a Village in North-West Essex in the Nineteen Sixties*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. • CARSTEN, J. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

<sup>14</sup> HERTZFELD, M. "Ouvrir les frontières de l'Europe. La géographie bureaucratique d'une discipline". *Ethnologie Française*, vol. 38, n. 4, 2008, p. 597-604.

<sup>15</sup> FAVRETT-SAADA, J. *Les mots, la mort, le sort*. Paris: Gallimard, 1977. • ALTHABE, G. "Ethnologie du contemporain et enquête de terrain". *Terrain*, n. 14, 1990, p. 126-131.

Se voltarmos à história da antropologia social, poderíamos distinguir três momentos na relação que ela entretém com a pesquisa etnográfica: o longo momento clássico, que corresponde ao modelo instituído por Malinowski durante a Primeira Guerra Mundial e que é rompido com a publicação de seu *Diário* em 1968; o momento narrativo, que corresponde a um profundo questionamento do conhecimento antropológico como ciência ocidental; o momento contemporâneo, que recoloca o problema do conhecimento antropológico, insistindo tanto no universalismo da natureza humana quanto na diversidade das pertencas sociais, inclusive em escala individual. O primeiro momento se caracteriza por um relativo silêncio sobre a pesquisa, considerada uma etapa indispensável, mas sem interesse científico; o segundo corresponde a uma "heretização" do etnógrafo, que se transforma em personagem principal da narrativa antropológica. No terceiro momento o etnógrafo é ou transparente, no ramo universalista

→ características do momento

9. DEMOULE, J.-P.; GILIGNY, F.; LEHÉREFF, A. & SCHNAPP, A. *Guide des méthodes de l'archéologie*. Paris: La Découverte, 2002.

e combinatorio (já que ele não passa de um representante de uma natureza humana universal), ou, no ramo multi-integrativo, usado como alavanca para o conhecimento científico (é a surpresa, dito diferentemente, da decepção das expectativas mútuas entre os indivíduos caracterizados por pertencas sociais diferentes, que nasceu do conhecimento etnográfico).

O momento clássico, uma vez estabelecida a necessidade de um conhecimento direto por familiarização do observador com a cultura observada, omite simultaneamente a singularidade do etnógrafo e a diversidade de suas pesquisas. A singularidade do etnógrafo evidencia-se com a revisão da etnografia trobriandiana (Ilhas Trobriand) de Malinowski por Annette Weiner<sup>10</sup>, vinculada à clareza sobre a diversidade dos pesquisadores segundo uma linha que permeia a cultura despercebida: a do gênero. Malinowski não pôde ter acesso à vertente feminina da cultura trobriandiana e não teve consciência desta limitação. O questionamento da totalização etnográfica por generalização das observações, forçosamente localizada e datadas à totalidade de uma "cultura", seja qual for sua definição, operou-se num segundo momento. Ela levou ao momento narrativo, que reduziu o conhecimento etnográfico ao aqui e agora da pesquisa, desta vez enclausurada nas singularidades individuais irreduzíveis do etnógrafo e de seus interlocutores.

Neste momento narrativo, a pesquisa não deságua senão sobre si mesma, e a etnografia não passa de uma narrativa sem raciocínio. Rapidamente teorizado na antropologia americana como uma impossibilidade científica<sup>11</sup>, este momento levou à publicação de narrativas etnográficas presas aos cânones de vários gêneros hierárquicos, da narrativa sautirica<sup>12</sup> à epopeia romântica<sup>13</sup>, ao passo que sua onda alcançou a França de forma mais atenuada<sup>14</sup>.

Mas o momento narrativo continua em si mesmo o seu próprio antídoto: o conceito de "descrição densa"<sup>15</sup>, isto é, a necessidade de abandonar o ponto de vista do observador (para quem nada diferencia uma piscar de olho voluntário de um tique da pálpebra) para adotar o ponto de vista das pessoas observadas. Descrever o real por meio de conceitos autoctones – ou emics – não implica ab-

10. WEINER, A. *Women of Value, Men of Renown: New Perspectives in Trobriand Exchange*. Austin: University of Texas Press, 1976 [Trad. francesa: *La richesse des femmes ou comment l'espérance vint aux hommes*. Des Trobriand. Paris: Le Seuil, 1983].

11. CLIFFORD J. & MARCUS, G. (orgs.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

12. BAKULEY, N. *An ethnologist in distress*. Paris: Fayot, 1986.

13. BEVIER, E. *The Vulnerable Observer: Anthropology that Breaks Your Heart*. Russian: Rezon Press, 1996.

14. "Le texte ethnographique". *Études vivantes*, n. 97-98, 1985, p. 9-114 [Prefácio de Jean Jamin e François Zamboni, argumentação de Jean Jamin].

15. GERTZ, C. "La description dense – Vers une théorie interprétative de la culture". *Égypte*, n. 6, 1998, p. 73-105.

dicar da ambigüidade de construir conceitos eruditos – ou emics. Por exemplo, existe nas Ilhas Trobriand uma troca de mercadorias sem moeda: o *gimwali*, intercambio de bens de consumo cuja produção é fortemente territorializada; existe igualmente uma troca cerimonial de bens preciosos: a célebre *kula*. A diferença entre as duas – melhor que a diferença entre um piscar de olho e um tique da pálpebra, reenviada à natureza humana fisiológica, tratar-se-ia, para seguir a metáfora, da diferença entre duas piscadas de olho que teriam significações diferentes – não é observável senão à condição de restituir a significação autoctone das trocas. No entanto, a *kula*, de conceito autoctone, transformou-se em conceito antropológico, uma vez colocado em relação com outro tipo de troca cerimonial de bens preciosos: o *potlatch* dos índios da Costa Oeste dos Estados Unidos. A *kula* deixa intacta a hierarquia estatutária dos parceiros da troca, já o *potlatch* fabrica hierarquia por seu caráter agonístico, como o observa Mauss na obra *Essai sur le don*, publicada em 1924. É aqui que a exigência formulada por Jean-Claude Passeron<sup>16</sup> para o raciocínio sociológico torna-se pertinente ao raciocínio etnográfico: a "descrição em conceitos" é uma descrição que ao mesmo tempo resultu os conceitos autoctones e se apoia em conceitos eruditos. Esta atenção aos conceitos autoctones, que não abandona o objetivo de uma descrição unificada com a ajuda dos conceitos eruditos, está no coração da antropologia social contemporânea, quando ela consegue fechar as portas às duas tentações que agitam hoje a disciplina: a tentação cognitiva, que corre o risco de reduzir a humanidade à sua dimensão fisiológica<sup>17</sup>, e a tentação perspectivista, que corre o risco de reduzir o conhecimento antropológico à sistematização de um ponto de vista autoctone essencializado<sup>18</sup>, ou à repetição dos etnosaberes<sup>19</sup>.

A pesquisa etnográfica, da forma como ela é concebida no ramo multi-integrativo do momento contemporâneo, em oposição ao seu ramo universalista, pode exercer uma função motora na análise. De fato, é porque as expectativas do etnógrafo e as de seus pesquisados não coincidem que ele pode descobrir, num mesmo movimento, a coerência do mundo social de onde ele procede e aquela do mundo social que ele estudou. Sua luta permanente contra suas próprias interpretações etnocêntricas, armadas pelas raízes de seus pesquisados que condenam às vezes severamente seus distanciamentos da norma local de comportamento, lhe oferece a chave de três universos aos quais ele pertence por necessidade profissional: o universo acadêmico, o universo da pesquisa e seu próprio universo social, quando distinto do universo acadêmico. O etnográfico não é somente um tradutor destes universos e um navegador entre eles; ele é

16. PASSERON, J.-C. *Le raisonnement sociologique – L'espace non pyramidal du raisonnement naturel*. Paris: Nathan, 1981.

17. BOYER, P. *Et l'homme créa les dieux comment expliquer la religion*. Paris: Gallimard, 2001.

18. VIVEIROS DE CASTRO, E. "Le don et le donne: trois manifestations sur la parenté et la magie". *Ethnographiques*, org. n. 6, 2004.

19. LATOUR, B. *Nous n'avons jamais été modernes*. Paris: La Découverte, 1991.

sem gênero  
ajustado

governante um instrumento de conhecimento submetido à experimentação às vezes arriscada, às vezes perniciosa, que a pesquisa representa para ele. Deste ponto de vista, ele é exatamente uma "tecnologia" no sentido primitivo do termo, aquele que simultaneamente vê e sofre e experimenta o distanciamento entre vários mundos. Muitas outras profissões encontram-se nesta mesma situação, por exemplo: cabineiros, clínicos gerais, bombeiros, professores que prestam serviços personalizados, demissionais, a partir do momento em que estas pessoas se veem confrontadas com universos sociais fortemente heterogêneos. Entretanto, todas elas obedecem a um imperativo de eficácia, ao passo que o etnógrafo so assim um imperativo de conhecimento.

Obviamente, o etnógrafo de universos longínquos, ao menos culturalmente, encontra-se em melhor situação que o etnógrafo de universos próximos para colocar em cena a decepção das expectativas. Tornar-se estrangeiro de si mesmo, no entanto, não é impossível, e esta continua sendo a melhor técnica para aplicar o raciocínio etnográfico aos mundos sociais dos quais o etnógrafo está mais próximo.

#### Etnógrafas concorrentes em sociologia, construção dos casos

A reflexão epistemológica em ciências sociais, e mais particularmente em sociologia, para dizê-lo de forma preliminar, guarda, ao longo destas últimas décadas, as marcas da publicação, em 1991, do livro de Jean-Claude Passeron, *Le raisonnement sociologique* (O raciocínio sociológico), que soa como um adensamento da epistemologia da ruptura, inspirada em Bachelard e compilada em parceria com Bourdieu e Chamboredon neste texto de combate científico intitulado *Métier de sociologue* (Ofício de sociólogo)<sup>20</sup>. O livro de Passeron é decisivo na compreensão da maneira com a qual a pesquisa etnográfica em sociologia pode – ao menos implicitamente – apropriar-se desta epistemologia weberiana preocupada em explorar a indexação dos resultados sociológicos aos contextos históricos e às configurações socioespaciais. Ela "fazia sentido" aos etnólogos, não obstante, sempre propensos a um sentimento difuso de ilegitimidade quanto à possibilidade de generalizar seus resultados, de "exceder em generalidade", como Bolianski e Thevenot nos estimularam a afirmar. Enquanto os etnógrafos oriundos da antropologia clássica podiam conservar uma epistemologia bachelardiana na qual o "olhar distanciado" (para retomar o título de um livro de Levi-Strauss publicado em 1983) servia de técnica simularmente eficaz à técnica de ruptura estatística, os etnógrafos lutando por sua legitimidade em sociologia acreditavam poder satisfazer-se com uma epistemologia que desvalorizava as ambições científicas da sociologia estatística. O risco era então o de simularmente renunciar a cientificidade da sociologia e da etnografia e, deste fato,

abrir definitivamente as portas às disciplinas científicas despreocupadas com os conhecimentos autoctones.

Mesmo não sendo este o espaço próprio para inventariar precisamente as diversas etnógrafas – aliás, mais concorrentes que complementares – na sociologia francesa, importa, no entanto, ter esta diversidade na cabeça a fim de compreender os modos de raciocínio etnográfico próprios a cada uma destas correntes. Em primeiro lugar, examinemos a etnografia francesa inspirada nas diversas correntes da tradição sociológica de Chicago. A exportação, oficial e reivindicada, de trabalhos etnográficos de Chicago para a França, efetuou-se em mercados dos anos de 1970, através de Daniel Bertaux, que passou da sociologia quantitativa da mobilidade social à sua crítica radical, adotando o método das "histórias de vida"<sup>21</sup>. Ela prolongou-se com o esforço de tradução e difusão dos trabalhos de Everett Hughes e Howard Becker pelo grupo reunido ao redor de J.-M. Chapoulié (Briand, Penelf, Peretz), que progressivamente foi acordando um primado à observação direta sobre outras técnicas de pesquisa etnográfica (entrevistas, biografias, cartografia). Aqui, contrariamente ao método pregado por Bertaux, o etnógrafo desconfa da palavra dos pesquisados, utiliza a minima e com extrema precaução as entrevistas, concentra-se na observação in situ das práticas (notadamente de trabalho), no local pesquisado, já que somente esta observação direta permite apreender a verdade das práticas, para além das justificações ou racionalizações autorizadas pela palavra presente na entrevista. Ele serve-se rigorosamente de um diário de campo, anota precisamente suas observações, em geral escritas posteriormente, em seu gabinete de etnógrafo, ou rabisçadas nos interstícios de seu período de trabalho (cf. o cap. de Nicolas Jouin e Sébastien Chauvin). É a repetição prolongada destas observações diretas (ou participantes) que contribui na produção de um material homogêneo, do qual o etnógrafo vai extrair um raciocínio fundado na "observação analítica", cuja virtude é a de fazer emergir da situação de pesquisa os conceitos adequados da atividade social dos pesquisados. Este modelo de raciocínio resolutamente indutivo, de um lado é fortemente associado a uma concepção interacionista das relações sociais e, de outro, a uma concepção pouco implicada do etnógrafo que frequentemente trabalha "dissimulado" (observação incognito no ambiente pesquisado), ou que age friamente como analista daquilo que à distância observa<sup>22</sup>.

21. BERTAUX, D. "Mobilité sociale biographique: une critique de l'approche transversale". *Revue Française de Sociologie*, vol. 15, n. 3, 1974, p. 329-362. • *Histoires de vie ou récits de pratiques?* – Méthodologie de l'approche biographique en sociologie. Rapport au Condes, 1976. • *Le récit de vie*. Paris: Nathan, 1997 ("Collection 128").

22. Esta etnografia sem dúvida deve muito ao ambiente de trabalho assalariado no qual ela se desenvolve mais frequentemente, o que explica ao mesmo tempo seu fraco interesse para as narrativas de práticas – é muito difícil descrever suas próprias atividades de trabalho – e sua prática rotineira da observação "dissimulada", mais difícil de realizar e justificar em outros contextos. O mais surpreendente é que ela pouco dialoga com a ergonomia.

conclusão da pesquisa em reatuar os dados

Se demos crédito às afirmações de Glaser e Strauss (cf. obra não traduzida para o francês: *The Discovery of Grounded Theory*, 1967), a pesquisa etnográfica só pode ser feita por conclusão quando os dados da observação já não produzem mais informações novas, ou seja, quando a pesquisa corresponde a "saturação dos dados". Na França, este livro foi referido em perspectivas muito distintas: de um lado, como uma forma de raciocínio etnográfico fundamentalmente objetiva, indicando o etnógrafo a transformar-se em observador neutro das práticas, sem preocupar-se com a forma com a qual os pesquisados "agem com" uma identidade herdada de *dequilo*, como uma maneira com a qual cada pesquisado torna-se historiador ou romancista de si mesmo, e onde o etnógrafo - à semelhança de alguns especialistas de "arquivos orais" - transforma-se em escriba atento das palavras autôctones, sem, no entanto, interrogar-se sobre o contexto de enunciação destas palavras. Um distanciamento mínimo permite afirmar que estas reivindicações militantes e antagonistas entre uma etnografia reduzida à análise, localizada e repêtida, de interações e uma "perspectiva etnosociológica" sobre histórias de vida, ambas fundamentadas em elementos teóricos diferentes, sem exceção serviram de munição contra a sociologia de Pierre Bourdieu, dominante no campo intelectual e alcançando a mais alta notoriedade com a eleição do próprio Bourdieu, em 1982, como diretor do *Collège de France*.

Nesta etnografia analítica, a ordem social compõe-se de uma multiplicidade de ordens sociais sempre negociadas pelos atores: nenhuma necessidade de recorrer ao *habitus*, e aos efeitos de histerese, para compreender os processos de construção da ordem social? É por isso que ela é tão eficaz no estudo de organizações fechadas sobre si mesmas e de profissões que devem pouco às macroestruturas que são o Estado e o capitalismo, bem como um hospital, as profissões liberais, as profissões de serviços. Para estas correntes, a pesquisa etnográfica não tem a obrigação de validar hipóteses macrosociológicas forjadas fora do contexto de pesquisa. Bourdieu repetidas vezes batalhou contra a análise interacionista ("a verdade da interação não se situa na interação"), mas parece que ele, nesta frente de luta no campo da sociologia, tenha de certa maneira deixado falar em seu nome os membros de sua equipe, que desenvolveram trabalhos resolvemente etnográficos (Y. Delsaut, M. Pialoux, A. Sayad) - que podem ser considerados, com o devido recuo, como os pioneiros daquilo que Olivier Schwarz denominou "etnografia reflexiva". Esta última mobiliza os diversos instrumentos da pesquisa etnográfica sem hierarquizá-los *a priori*, esforçando-se para ajustar o instrumento de pesquisa ao objeto de pesquisa. Quando Sayad buscou estudar as diversas gerações sociais de imigrantes argelinos na França, ele procedeu principalmente por longas entrevistas biográficas (em língua cámbia o mais frequentemente), mas ele recorreu igualmente aos dados do estado

civil recolhidos nos vilarejos do país de origem<sup>24</sup> (tratando-os estatisticamente), aos documentos fotográficos etc. Quando Yvette Delsaut quis mostrar a diferenciação dos ambientes populares franceses do norte da França, ela tomou por objeto um casamento entre duas famílias de operários do Norte, uma em via de ascensão social, outra enraizada na classe operária estável; e ela observou, por ocasião dos preparativos do casamento e por ocasião da cerimônia e da noite festiva, os diferentes tipos de relações de classe que se exercem entre os protagonistas destas duas frações da classe operária<sup>25</sup>. Quando Michel Pialoux empreendeu um longo trabalho biográfico com um operário de Sochaux, OS (operário especializado) e militante CGT, foi para compreender as contradições sociais de um militante operário e também para contornar as grandes dificuldades de realizar um trabalho de observação participante no ambiente fechado do sindicato local<sup>26</sup>.

Fundamentalmente, uma das teorias mais adaptadas à análise etnográfica é a teoria das correntes de interdependência, da forma como ela foi sistematizada por Norbert Elias na obra *Qu'est-ce que la sociologie?* (O que é a sociologia?) Concebido como uma generalização do conceito de "schismogênese" proposto por Gregory Bateson desde 1936 em seu livro *Naven*, uma etnografia dos latmulus da Nova Guiné, o modelo teórico de Elias<sup>27</sup> repousa sobre a recusa de um individualismo metodológico que hipostasia um indivíduo fisiológico suposto preexistir à influência de outrem, dotado de constância psicológica, fechado em seu ser (*homo clausus*). Em vez de recorrer a este modelo individualista, pejado ao mesmo tempo nos estudos cognitivos, em ciências econômicas e em determinadas escolas sociológicas (Coleman, Boudon), Elias retoma o modelo interacionista "forte" de Bateson, no qual é a interação que produz indivíduos parceiros: A torna-se A, à medida que B comporta-se com A de uma determinada forma, e reciprocamente. Bateson descreve duas possibilidades: "schismogênese" (ou gênese por diferenciação) simétrica e "schismogênese" complementar. A primeira concerne às interações por ocasião das quais tem início uma rivalidade positiva: para tomar um exemplo do *pollatch*, A é muito mais generoso que B, e a espiral dos comportamentos generosos deságua na guerra dos presentes descrita por Mauss, nas sendas de Boas. A segunda concerne às interações a partir das quais começa um reforço das complementaridades: para retomar desta vez o exemplo da generosidade (*dom*) sem retorno, a humilhação de A é muito maior que a

23. STRAUSS, A. (org.) *La trame de la négociation - Sociologie qualitative et interactionnisme*. Paris: L'Harmattan. Cf. a introdução de Isabelle Baszanger, 1992.

24. SAYAD, A. "Les trois âges de l'immigration". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 15, 1977, p. 59-79.  
25. DELSAUT, Y. "Le Double mariage de Jean Célisse". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 4, 1976, p. 3-20.  
26. PIALOUX, M. "Chroniques Peugeot". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 52-53, 1984-1985, p. 88-95; n. 54, 1984, p. 57-69; n. 57-58, 1985, p. 108-128; n. 60, 1985, p. 72-74.  
27. ELIAS, N. *Engagement et distanciation*. Paris: Fayard, 1993.

generosidade de B, e a espiral generosidade-humilhação culmina no reforço da relação hierárquica entre o "rico generoso" descrito por Mauss e o pobre condenado a receber sem poder retribuir. Para generalizar tal modelo, o da dinâmica da interação na direção das correntes de interdependência, é necessário levar em conta ainda os efeitos próprios das instituições, concebidas como relações sociais cristalizadas, segundo as formulações de Maurice Halbwachs, na obra *Les cadres sociaux de la mémoire*, 1925 (Os quadros sociais da memória). Encontramos aqui os efeitos de histerese colocados em epígrafe por Pierre Bourdieu, sem, no entanto, a obrigatoriedade de conservar o conceito de *habitus*, à medida que o processo de socialização compreendido na teoria dos *homines aperti* se torna múltiplo e permanente.

Estes modelos de "schismogênese" apresentam a grande vantagem de permitir pensar concretamente o processo de socialização. Relativamente fáceis de descrever quando a interação se produz somente entre dois parceiros, estes modelos se tornam mais complexos quando, por exemplo, se leva em conta as correntes de interdependência descritas por Elias na obra *La société de cour*, onde todos os comportamentos sociais dependem da configuração das relações de poder, em seu aspecto dinâmico (já presente na análise das "schismogêneses" binárias), entre rei, aristocratas e seus dependentes, incluindo os mais distantes. O modelo proposto por Elias em *Qu'est-ce que la sociologie?* é dotado de tamanha extensão que ele se aplica aos inícios da pré-história e se estende à humanidade inteira. Com a condição de pensar a especificidade da interação à distância, isto é, mediada por dispositivos como a escrita, a correspondência, os instrumentos de administração, o telefone, a internet etc., e, além disso, os objetos materiais que, como o espaço de uma cidade, dão sua forma e sua significação às interações, mas também as instituições às quais as correntes de interdependência, mais ou menos longas, devem sua existência.

O que faz, pois, o etnógrafo quando ele observa um segmento destas correntes de interdependência? Ele toma duas decisões cruciais sobre as quais ele não tem na realidade um domínio completo: onde começar a pesquisa e onde terminá-la. Estas duas decisões determinam o perímetro do "caso" que ele estuda. Impossível aqui raciocinar genericamente: é a questão que ele coloca e o domínio da realidade social que lhe interessa que, de um ponto de vista científico, determinam estas duas decisões; ao passo que são as oportunidades que a ele se oferecem que as determinam de um ponto de vista social, e que dependem ao mesmo tempo do mundo estudado e de suas próprias características singulares.

Tradicionalmente – dos anos de 1950 aos anos de 1980 – as monografias eram determinadas pelos recortes do mundo social: um vilarejo ou um bairro, uma empresa ou uma oficina, uma rede de relações mafiosas, um complexo prisional, um local de mercado etc. As fronteiras da pesquisa de alguma maneira impunham-se ao etnógrafo, que podia igualmente refletir, por exemplo, sobre

↳ a pesquisa possui limites

a ausência de superposição perfeita entre os territórios de competência de tal ou tal administração política<sup>28</sup>, ou entre áreas de interconhecimento especializadas<sup>29</sup>.

Num segundo momento, a pesquisa etnográfica empenhou-se em seguir as meadas de uma rede de relações, seguindo a técnica denominada "bola de neve". A questão da delimitação das fronteiras da pesquisa tornou-se então mais delicada: numa rede de parentesco, por exemplo, onde parar, quando cada pesquisado está preso a uma rede egocentrada e que nada justifica a priori que se privilegie a rede de tal pesquisado antes que a rede de outro? Aqui ainda, nada de resposta geral: a rede deixa de ter sentido quando não responde mais à questão colocada (p. ex., a rede de assistência a uma pessoa dependente cessa quando o novo pesquisado não é informado da dependência desta pessoa), ao passo que o pesquisador pode encontrar bloqueios no prosseguimento de sua pesquisa, e que devem ser explicados<sup>30</sup>.

Num terceiro momento, a pesquisa etnográfica conseguiu desdobrar-se não mais horizontalmente, ao largo de uma rede de relações fracamente hierarquizadas entre pessoas que se conhecem – como uma parentela ou uma rede de migrantes globalizados –, mas verticalmente, ao largo de toda uma escala de poderes cujos protagonistas forçosamente não se conhecem, embora dependentes uns dos outros pelas diversas modalidades, materiais e simbólicas, de governança a distância. É aqui que a teoria do mundo social como vasta malha de correntes de interdependência assume sua significação plena. O etnógrafo pode então tentar percorrer os diferentes níveis de uma cadeia hierárquica, reencontrando as técnicas da pesquisa da sociologia das organizações, mas exteriormente a qualquer organização fechada. Por exemplo: para estudar um conflito sobre a implantação de uma mina de extração de ouro na cordilheira dos Andes, o etnógrafo deverá necessariamente pesquisar *in loco*, mas igualmente acompanhar os advogados do grupo de mineiros implicados, ou seja, participar das reuniões do grupo por ocasião das quais as decisões são tomadas. Ou ainda: para estudar a elaboração de pareceres sobre os riscos de guerra, civil ou não, no mundo, bem como seus efeitos, o etnógrafo deve frequentar os lugares, acompanhar a previsão destes perigos nos locais implicados, e igualmente frequentar os lugares onde estes perigos divulgam seus pareceres, como salas de reuniões, embaixadas, encontros internacionais.

↳ exemplo: implantação de uma mina

28. CHAMBOREDON, J.-C. "Carte, désignations territoriales, sens commun géographique: les 'homs de pays' selon Lucien Gallois". *Etudes Rurales*, n. 109, 1980, p. 5-54.  
29. MAGET, M. *Remarques sur le village comme cadre de recherches anthropologiques*, 1955. [Reed. in: *Cahiers d'économie et Sociologie Rurales*, vol. 11, n. 2, 1989, p. 77-91].  
30. GRAMAIN, A.; SOUTRENON, E. & WEBER, F. "Standards des monographies de familles – Une enquête par questionnaire en milieu d'inconnus". *Ethnographiques* org, n. 11, out./2006 [Disponível em <http://www.ethnographiques.org/2006/Gramain,et.al.html>].

No fundo, a questão que atormenta o etnógrafo, ou mais exatamente o sociólogo-etnógrafo trabalhando em campo sociológico, parece ser a seguinte: Podemos o raciocínio etnográfico, por si mesmo, sustentar-se a partir de dados exclusivamente etnográficos? Ou, ao contrário, ser-lhe-ia necessário o suporte de dados suplementares? Se, como para os outros métodos, uma confirmação dos resultados etnográficos por outros dados não pode ser onívia, parece assim mais útil mostrar então o que somente a etnografia conseguiu fazer: a abordagem com parâmetros vinculada a distância cognitiva entre o pesquisador e seus pesquisados, herança de seu passado etnológico, permite ao entrevistador-pesquisador deslocar-se do etnocentrismo erudito - anacronismo, etnocentrismo cultural, etnocentrismo de classe - ao qual correm o risco de cegamente reconduzir os outros métodos, sobretudo por colocarem sua exigência de rigor metodológico baseado mais na "prova" que na construção dos "dados". A força heurística da etnografia sem sombra de dúvida vincula-se a seu poder indutivo - em outros termos, à sua capacidade de trocar de questões e de hipóteses ao longo do caminho.

Enfim, não podemos deixar um aprofundamento desta discussão, notadamente em nível internacional, como os três colóquios *Ethnographic?* começaram a fazê-lo. De nossa parte defenderemos uma concepção extensiva do estudo de caso, ao mesmo tempo horizontal (seguir as redes para onde elas vão) e horizontal (voltar às correntes de interdependência hierarquizadas), e insistiremos na importância crucial do "ponto de entrada" do etnógrafo no mundo social, ligado às questões que ele se coloca e às oportunidades das quais ele dispõe. E por essa razão que os etnógrafos começaram a falar de etnografia multissituada! O desaparecimento da evidência monográfica, outrora vinculada a territorialização das interações significativas, assemelha-se à crescente importância e diversificação das interações a distância. Se outrora estas últimas se limitavam à correspondência epistolar e à escrita administrativa, às apalpadelas elas hoje proliferaram, sobretudo com o surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação. Hoje, pelo alastramento destas teias, é possível perceber uma transformação na divisão do trabalho social, sobretudo por diluírem a coerção hierárquica institucional. Desta forma, e igualmente, as modalidades de governo a distância se transformam: basta lembrar que os Estados, notadamente coloniais, viram-se suplantados pelas grandes empresas e pelas organizações não governamentais. A etnografia multissituada pode ser uma resposta à complexificação do mundo social, mas igualmente uma vontade de melhor avaliá-la, com os instrumentos tradicionais do etnógrafo: seu corpo<sup>31</sup>, sua memória, seu

31. Berkeley, 2002. Paris, 2004. Lisboa, 2007.  
 32. MARCUS, G. "Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography". *Ethnography through Thick and Thin*. Princeton: Princeton University Press, 1998, p. 79-104.  
 33. WACQUANT, L. *Corps et âme* - Carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur. Marseille: Agone, 2002.

→ qual a utilidade  
 diário. Mas ela é igualmente - e a ambiguidade mereceria ser suprimida - uma nova forma de colocar em relação similaridades de casos. A etnografia multissituada coloca então a questão da acumulação dos casos (Ela impor-se-ia?) Como parâmetro que podemos fazer com isso? A nosso ver, urge multiplicar as questões colocadas, principalmente no campo da antropologia social, que merecem ser conhecidas e debatidas no campo da etnografia sociológica francesa, em suas diversas componentes.

→ é a etnografia  
consequin fazer

→ vertical concepção entrevista: vertical e horizontal

→ diversificação das interações a distância (redes)

instrumentos do etnógrafo: seu corpo, sua memória,  
seu diário